

II. PANORAMA GERAL DOS EVANGELHOS

Introdução:

Nesta lição, nosso objetivo é fazer um panorama geral dos evangelhos, tentando responder as seguintes perguntas: O que são os evangelhos? Com que propósito eles foram escritos? Podemos confiar nos evangelhos da Bíblia ou existem outros evangelhos mais confiáveis? Qual a relação entre os 4 evangelhos da Bíblia (semelhanças e diferenças) e qual a sua origem? Nosso tempo e propósito aqui não permitem um estudo detalhado e profundo de cada questão, mas ao final da lição você encontra uma lista de livros onde pode se aprofundar no assunto.

O que são os Evangelhos?

A palavra “evangelho” vem do grego “*euangelion*”, e significa “boas novas”. Era a palavra usada pelos antigos para comunicar a vitória numa guerra, o nascimento de um filho ou simplesmente dar uma boa notícia. *Euangelion* aparece 72 vezes no Novo Testamento. Marcos começa o seu Evangelho dizendo: “*Princípio do evangelho de Jesus Cristo, o Filho de Deus*” (Mc 1.1). O evangelho é a boa notícia de salvação para todo aquele que confiar em Cristo.

Os evangelhos, por sua vez, são relatos biográficos de Jesus que o identificam como o Filho de Deus e Salvador. Nos evangelhos, encontramos as “memórias” de Jesus, fatos e ensinamentos relacionados com o seu nascimento, vida, ministério, morte e ressurreição. Falando resumidamente, os evangelhos apresentam o evangelho de Deus para a humanidade. Mas embora apresentem a mesma pessoa (JESUS) e mensagem (o evangelho), cada evangelista tem um propósito específico e lança luz sobre alguma característica especial de Jesus e do evangelho. Como alguém já disse, os evangelhos não são fotografias, mas retratos da vida de Jesus.

Com que propósito os Evangelhos foram escritos?

a) Evangelização

Embora os evangelhos sejam relatos biográficos da vida de Jesus, seu objetivo central não é apenas registrar uma história, mas apresentar uma mensagem e chamar as pessoas para uma vida de fé em Jesus. No final de João, lemos que “*Jesus realizou na presença dos seus discípulos muitos outros sinais miraculosos, que não estão registrados neste livro. Mas estes foram escritos para que vocês creiam que Jesus é o Cristo, o Filho de Deus e, crendo, tenham vida em seu nome*” (Jo 20.30-31). João, assim como os demais evangelhos, não são exaustivos (não contam tudo que Jesus fez ou disse), mas são suficientes para conhecer Jesus e confiar nele como Salvador e Senhor. Por mais redundante que seja, podemos dizer que os evangelhos foram escritos para evangelizar.

b) Preservação da mensagem

Inicialmente, a mensagem do evangelho se espalhou pelo mundo de forma oral, no “boca-a-boca”, sob a autoridade dos apóstolos. Eles eram as pessoas mais confiáveis e eram reconhecidos pela igreja como os homens que “*haviam estado com Jesus*” (At 4.13). No entanto, à medida que o tempo passava, os apóstolos foram envelhecendo e morrendo e a mensagem precisava ser registrada antes que os apóstolos se fossem.

c) Precaução e combate às heresias

É possível que alguns relatos distorcidos e infieis sobre a vida e ensinamentos de Jesus começassem a aparecer. Evangelhos escritos, com autoridade apostólica, eram então necessários para preservar a verdade dos fatos.

d) Discipulado

Na medida em que as pessoas ouviam a mensagem do evangelho e se convertiam a Cristo, algum tipo de material objetivo era necessário para instruir os novos sobre a vida e os ensinamentos de Jesus. Como os apóstolos eram poucos e a igreja crescia muito rapidamente, os evangelhos escritos se tornaram o instrumento básico de discipulado da igreja.

Qual é a relação entre os evangelhos? Quais são as suas semelhanças e diferenças?

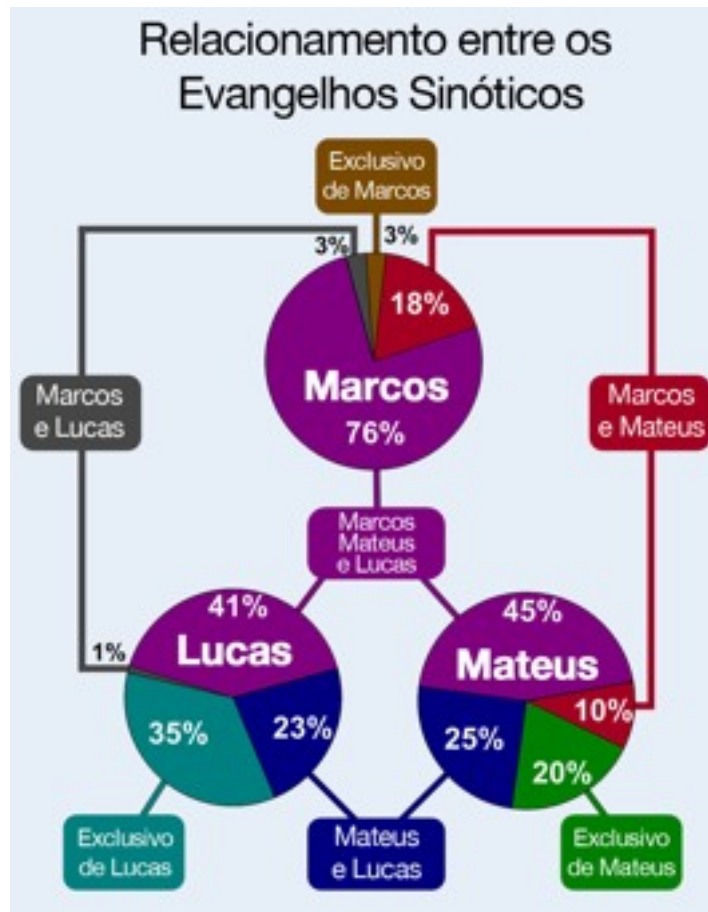
Quando lemos os evangelhos, fica evidente que Mateus, Marcos e Lucas são muito parecidos e João parece bem diferente. Enquanto os três primeiros possuem um vasto material em comum, João tem aproximadamente 90% de material exclusivo, que não aparece em Mateus, Marcos e Lucas. Veja no quadro abaixo um comparativo das diferenças:

Mateus, Marcos e Lucas	João
Estrutura o ministério de Jesus seguindo a mesma sequência: batismo, tentações, Galiléia, retirada para o norte, Judéia e Jerusalém (foco no norte)	Estrutura o ministério de Jesus com foco nas suas visitas a Jerusalém (foco no sul)
Ministério de Jesus em 1 ano	Ministério de Jesus em 3 anos
Foco nas curas, exorcismos e ensino através de parábolas	Foco dos discursos e diálogos de Jesus (nenhum exorcismo e nenhuma parábola)
Ênfase nos fatos (mais ação e menos reflexão)	Ênfase nos significados (menos eventos e mais reflexão)
Humanidade de Jesus (o Filho do Homem)	Divindade de Jesus (o Filho de Deus)
Jesus apresenta o Reino de Deus	Jesus oferece a vida eterna

Além destas diferenças, também existem diferenças significativas no uso de algumas palavras. Veja a tabela abaixo.

Palavras	Mateus, Marcos e Lucas	João
evangelho	22	0
reino	123	5
poder	38	0
chamar	73	0
purificar	18	0
proclamar	30	0
conversão	24	0
parábola	48	0
verdade	10	46
vida	16	35
judeus	16	67
mundo (kosmos)	13	78
testemunho	15	47
enviar / ser enviado	15	32
luz	15	27

Por conta das semelhanças entre Mateus, Marcos e Lucas, estes três evangelhos tem sido chamados de “sinóticos” (sin - ao lado de, em conjunto + ótico - visão). *Sinótico* vem do grego *synopsis* e significa “ver em conjunto”. O gráfico abaixo mostra de maneira sistemática a relação de conteúdo existente entre os Evangelhos Sinóticos.



Veja, por exemplo, um dos paralelos sinóticos no quadro abaixo, com os textos que narram a cura de um paralítico:

Mateus 9.6	Marcos 2.10-11	Lucas 5.24
Mas, para que vocês saibam que o Filho do homem tem na terra autoridade para perdoar pecados — disse ao paralítico: “Levante-se, pegue a sua maca e vá para casa”.	Mas, para que vocês saibam que o Filho do homem tem na terra autoridade para perdoar pecados — disse ao paralítico — “eu lhe mando: Levante-se, pegue a sua maca e vá para casa”.	Mas, para que vocês saibam que o Filho do homem tem na terra autoridade para perdoar pecados — disse ao paralítico — “eu lhe ordeno: Levante-se, pegue a sua maca e vá para casa”.

Vários estudos e teorias tem sido propostos para explicar as similaridades e diferenças entre os Sinóticos. É evidente que de alguma maneira estes três evangelhos estão relacionados e se valeram uns dos outros e/ou de uma ou mais fontes anteriores. As seguintes teorias são as mais plausíveis para explicar a origem dos Sinóticos:

a) Hipótese Agostiniana - foi defendida por Agostinho, no Século IV, e foi a explicação tradicionalmente aceita pela igreja até o século XIX. Sustenta que Mateus foi o primeiro evangelho a ser escrito (tendo inclusive escrito uma primeira versão em aramaico), Marcos fez uso de Mateus e Lucas fez uso de Mateus e Marcos.

b) Hipótese das “Múltiplas Fontes” - Alguns estudiosos alemães, no século XIX, defenderam a tese de que Marcos foi o primeiro evangelho a ser escrito e que Mateus e Lucas se valeram dele para os seus evangelhos. No entanto, além do material comum a Marcos, Mateus e Lucas possuem cerca de 250 versículos em comum, e que não estão em Marcos. A solução seria uma desconhecida fonte Q, composta por declarações de Jesus, e que teria sido usada por Mateus e Lucas. O material exclusivo de Mateus e Lucas seria oriundo da tradição oral, das memórias dos evangelistas ou de fontes próprias (M, para Mateus, e L, para Lucas). Vale lembrar aqui o que disse Lucas no início do seu evangelho:

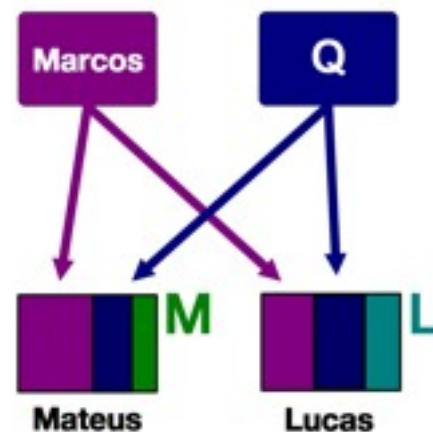
Muitos já se dedicaram a elaborar um relato dos fatos que se cumpriram entre nós, conforme nos foram transmitidos por aqueles que desde o início foram testemunhas oculares e servos da palavra. Eu mesmo

investiguei tudo cuidadosamente, desde o começo, e decidi escrever-te um relato ordenado, ó excelentíssimo Teófilo, para que tenhas a certeza das coisas que te foram ensinadas. (Lucas 1.1-4)

Este prefácio de Lucas pressupõe que havia uma tradição oral e também registros escritos bem estabelecidos sobre a vida e ensinamentos de Jesus, e que o próprio Lucas fez um trabalho de pesquisa para produzir um “relato ordenado”.

Embora não seja possível determinar com certeza a solução do “problema sinótico”, a “primazia de Marcos” tem sido aceita hoje pela maioria dos estudiosos dos Evangelhos. “Mais de 97% das palavras de Marcos encontram paralelo em Mateus; mais de 88%, em Lucas. Por isso, faz mais sentido pensar que Mateus e Lucas apropriaram-se de grande parte do material de Marcos, expandindo-o com seus próprios dados, do que imaginar que Marcos abreviou Mateus e/ou Lucas com a omissão de quantidade tão grande de material. A bem da verdade, é possível sustentar que Marcos seja um resumo deliberado de Mateus e Lucas. Mas esse seria um estranho resumo, geralmente expandindo as narrativas tiradas desses outros evangelhos e, ao mesmo tempo, suprimindo coisas como Sermão da Montanha, as narrativas do nascimento e os aparecimentos do Senhor ressurreto. Em outras palavras, este argumento tem o seguinte raciocínio: ‘Pressupondo-se Marcos, é fácil ver porque Mateus foi escrito; pressupondo-se Mateus, é difícil ver porque Marcos foi necessário’ (Introdução ao Novo Testamento, D.A. Carson, Douglas J. Moo, Leon Morris).

Hipótese das “Quatro Fontes”



Podemos confiar nos Evangelhos?

No estudo dos evangelhos, existem vários argumentos que nos dão bastante segurança de que estes livros são a melhor e mais confiável fonte para quem deseja conhecer a vida e os ensinamentos de Jesus. Vamos citar apenas três argumentos:

a) A data dos evangelhos

Os evangelhos foram escritos, no máximo entre 40 e 60 anos após a morte de Jesus. Isso quer dizer que quando eles começaram a circular, muitas pessoas que tinham sido testemunhas oculares dos fatos narrados ainda estavam vivas e poderiam confirmar ou negar o conteúdo destes escritos. “Marcos, por exemplo, diz que o homem que ajudou Jesus a carregar a cruz até o Calvário ‘era o pai de Alexandre e Rufo’ (Marcos 15.21, Rm 16.13). Não há motivo para o autor incluir esses nomes a menos que os leitores o conhecessem ou a eles tivessem acesso. É como se dissesse: ‘Alexandre e Rufo avalizam a veracidade do que conto a vocês, perguntem a ele se quiserem’. Paulo também apela aos leitores a perguntarem a testemunhas oculares ainda vivas, caso desejem confirmar a veracidade do que ele diz a respeito dos acontecimentos da vida de Jesus (1 Coríntios 15.1-6). Paulo menciona um grupo de 500 testemunhas oculares que viram Cristo ressuscitado ao mesmo tempo. Ninguém escreve isso em um documento destinado à leitura pública a menos que realmente haja testemunhas sobreviventes, cujos depoimentos coincidam e sejam capazes de confirmar as palavras do autor.” (A Fé na Era do Ceticismo, Tim Keller).

Recentemente, muita polêmica se criou a partir do livro-filme “O Código Da Vinci”, de Dan Brown, cujo enredo afirma que novos evangelhos descobertos pela arqueologia revelaram a verdadeira história de Jesus. Um Jesus que não era divino, um Jesus casado, que deixou descendência etc. Estes evangelhos fazem parte de uma coleção de escritos antigos achados em Ng Hamadi, no Egito, e datam dos séculos II e III, quando os evangelhos da Bíblia já circulavam a pelo menos uns 100 anos pela igreja antiga. A esta altura, nenhuma das informações destes evangelho poderiam ser contestadas ou confirmadas por testemunhas oculares. A história da igreja mostra que estes evangelhos foram amplamente rejeitados e questionados...

b) O conteúdo ofensivo e contra-cultural dos evangelhos

Os evangelhos são de uma franqueza muitas vezes constrangedora. Eles mostram, por exemplo, um grupo de discípulos egoístas, incrédulos, covardes e fracos. Se a ideia fosse inventar uma história para convencer o mundo de que Jesus era de fato o Filho de Deus e que os apóstolos eram os seus escolhidos, por que revelar o “lado escuro” dos apóstolos. Como Tim Keller afirma, “Por que inventar que as mulheres foram as primeiras testemunhas da ressurreição em uma sociedade que às mulheres era concedido um status tão inferior que os tribunais não admitiam seus depoimentos? Faria mais sentido (se você fosse inventar a história) contar com o testemunho de pilares masculinos da comunidade quando Jesus saísse do túmulo”.

c) A data e abundância dos manuscritos

Existe uma larga evidência que sustenta a confiabilidade histórica dos manuscritos do Novo Testamento e dos Evangelhos. Comparando-se com outros escritos importantes da Antiguidade, como ilustra o gráfico abaixo, o Novo Testamento possui muito mais credibilidade e confiabilidade, por ter um número muito maior de manuscritos e porque o intervalo entre os manuscritos e o texto original é muito breve.

Nome da obra e autor	Data em que foi escrita	Documento mais antigo	Diferença, em anos, entre a data da confecção e o documento mais antigo	Número de cópias
Obras de Aristóteles	340 a.C.	1.100 d.C.	1.400	5
Obras de Platão	427-347 a.C.	900 d.C.	1.200	7
Guerras Gálicas de César	58-50 a.C.	850 d.C.	900	10
História de Roma de Biny	59 a.C – 17 d.C.	350 d.C.	368	20
História de Tácito	100 d.C.	850 d.C.	750	2
Iliada, de Homero	900 a.C.	400 a.C.	500	643
Novo Testamento	50-90 d.C.	130 d.C.	40	5.000

É evidente que existem pequenas variações de um manuscrito para outro, mas, conforme diz o estudioso Craig Blomberg, “97-99% do Novo Testamento podem ser reconstruídos acima de qualquer dúvida razoável, e nenhuma doutrina cristã se baseia somente, nem mesmo principalmente, em passagens cujo texto é discutível” (A Veracidade da Fé Cristã).

Como os evangelhos foram escolhidos e chegaram até nós?

O cânon final do Novo Testamento (lista dos livros considerados inspirados por Deus), tal qual temos hoje na Bíblia, foi oficialmente reconhecido pela igreja em 397, no concílio de Cartago (decisão que foi ratificada em 419, no concílio de Hipona). Isso não quer dizer que só a partir desta data os livros canônicos se tornaram canônicos. O processo de reconhecimento foi lento e gradual, conduzido pelo Espírito Santo. A necessidade de se estabelecer oficialmente uma lista de livros canônicos se deu por vários motivos, dentre eles:

- ▶ Um herege chamado Marcião (por volta de 140 d.C.) criou seu próprio cânon e começou a divulgá-lo. A igreja precisava se posicionar, decidindo qual era o verdadeiro cânon das Escrituras;
- ▶ Muitas igrejas orientais estavam empregando livros espúrios e isso requeria uma decisão da igreja quanto ao cânon;
- ▶ O imperador Diocleciano (303 d.C.) determinou a destruição dos livros sagrados dos cristãos. Quem morreria por um simples livro sem valor? Os cristãos precisavam saber quais eram, de fato, os verdadeiros livros.

Mas quais foram os critérios empregados pela igreja para reconhecer os livros que eram, de fato, canônicos?

- ▶ A **aceitação e reconhecimento geral das igrejas** por um período longo e contínuo, e seu uso por gerações posteriores. Os 27 livros do NT não foram aceitos porque foram canonizados, mas foram canonizados porque já eram aceitos como tal. Existem documentos do século II que se referem aos 4 evangelhos como textos amplamente lidos e aceitos pelas igrejas.
- ▶ A **apostolicidade** (origem apostólica) – a autoridade e origem apostólica foi fundamental para discernir os livros canônicos. Se fosse possível provar que um livro era de origem apostólica, isso seria suficiente para ser reconhecido como canônico (Marcos está ligado a Pedro, Lucas e Atos provinham da autoridade de Paulo).
- ▶ A **consistência doutrinária**, em coerência com a revelação do Antigo Testamento e o ensino dos apóstolos.

No princípio, houve disputas em relação aos livros de Hebreus, Tiago, 2 Pedro, 2 e 3 João, Judas e Apocalipse. No entanto, sejam quais forem os critérios que mais influenciaram os “pais da igreja”, o fato é que o verdadeiro cânon prevaleceu e, em última instância, isso é aceito por fé. Os 27 livros do NT, e apenas estes, são aceitos universalmente como canônicos por todas as igrejas cristãs (protestantes, católicas e ortodoxas). Alguns outros (o Pastor de hermas, a Epístola de Barnabé e a Epístola de Clemente), tiveram muito prestígio na igreja antiga, mas, por fim, não foram considerados canônicos.

Bibliografia recomendada:

Introdução ao Novo Testamento, de Broadus David Hale. Editora Hagnos.

Panorama do Novo Testamento, de Robert H. Gundry. Editora Mundo Cristão.

Atlas da Bíblia e da História do Cristianismo, da Editora Vida Nova.

Introdução ao Novo Testamento, de D.A.Carson, Douglas J. Moo e Leon Morris. Editora Vida Nova.

A Fé na Era do Ceticismo, de Timothy Keller. Editora Campus.